



DISLEXIA: O GRANDE DESAFIO EM SALA DE AULA.

Giselia Souza dos Santos de Almeida¹

Resumo: O presente artigo abordará os diferentes tipos de dislexias, os sinais na infância e na iniciação escolar facilitando assim a sua identificação, citará algumas leis para melhor entendimento da classificação de necessidades educacionais especiais. Trará também dicas de como o educador deverá atuar em sala de aula e a importância de estratégias utilizando recursos para as aulas com crianças disléxicas.

Palavras chave: dislexia, aprendizagem, professor

Abstract: *This article will address the different types of dyslexia, the signs in childhood and initiation school facilitating the identification, some laws to better understand the classification of special education needs. Will also tips for the teacher to work in the classroom and the importance of strategies for using the classes with dyslexic children.*

Keywords: *dyslexia, learning, teacher.*

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em busca do perfeito. Não sabemos lidar com o diferente. Tudo está em torno do comum. Somos tomados por um senso comum e por nossos saberes cotidianos e deixamos de buscar um conhecimento científico.

Marilena Chaui nos alerta que uma das características do senso comum e dos saberes cotidianos é por serem subjetivos, generalizadores, nossas certezas cotidianas e o senso comum de nossa sociedade ou do nosso grupo social, cristalizam-se em preconceitos com a qual passamos a interpretar toda a realidade que nos cerca e todos os acontecimentos.

Temos que formar melhor nossos professores, o meio educacional está em profunda mudança tanto no ponto de vista de conceitos e valores, como da prática. Apesar de tantas mudanças, o professor ainda resiste em mudar as práticas pedagógicas justificando essa resistência com argumentos do senso comum.

¹ Aluna do curso de Pós-graduação *lato sensu* em Psicopedagogia da Faculdade Don Domênico.



Hoje trabalhamos com uma nova realidade, que é Educação Inclusiva, que tem gerado muitas dúvidas em seu processo de implementação. Trabalhamos com várias síndromes, distúrbios e dificuldades de aprendizagem, falaremos em especial da dislexia que é um dos grandes desafios em sala de aula, como diagnosticar, seus principais sintomas, como avaliar e incluir o aluno no processo de ensino-aprendizagem.

2. Dislexia

Identificada pela primeira vez por BERKLAN, o termo dislexia foi denominado pela primeira vez por Rudolf Berlin um oftalmologista da Alemanha. Ele usou o termo para se referir a um jovem que tinha dificuldade de leitura e escrita ao mesmo tempo que apresentava habilidades intelectuais normais. Acreditava-se nessa época que o problema seria de visão, em 1925 Samuel T. Orton, neurologista e um dos primeiros pesquisadores a estudar a dislexia observou que a dificuldade de leitura escrita não estava correlacionada com a visão, ele acreditava que essa condição era causada por uma falha da lateralização do cérebro.²

A palavra dislexia é formada pela contração das palavras gregas *dis* que significa difícil e *lexis*, palavra caracteriza-se por uma dificuldade na área da leitura, escrita e soletração.

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD) a definição utilizada é a de 1994 da *International Dyslexia Association* (IDA): “Dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem caracterizado pela dificuldade de decodificação das palavras simples, mostrando uma insuficiência no processamento fonológico”.

Em um levantamento feito pela ABD, em média 40% dos casos diagnosticados na faixa mais crítica, entre 10 a 12 anos, são de grau severo, 40% são de grau moderado e 20% de grau leve, existe maior incidência em meninos do que em meninas.

¹⁹ Orton (1925). **Word-blindness in school children..** *Archives of Neurology and Psychiatry* **14**: 285–516.



No caso da criança em idade escolar, a Psicolingüística define a dislexia como um fracasso inesperado na aprendizagem da leitura (dislexia), da escrita (disgrafia) e da [ortografia](#) (disortografia) na idade prevista em que essas habilidades já devem ser automatizadas. É o que se denomina de dislexia de desenvolvimento.

Segundo Aliende e Cobdenmarin³ a dificuldade de aprendizagem relacionada com a linguagem (leitura, escrita e ortografia), pode ser inicial e informalmente (um diagnóstico mais preciso deve ser feito e confirmado por neurolingüista) diagnosticada pelo professor da língua materna, com formação na área de Letras e com habilitação em Pedagogia, que pode observar a velocidade da leitura da criança, utilizando critérios citados abaixo:

- A criança movimenta os lábios ou murmura ao ler?
- A criança movimenta a cabeça ao longo da linha?
- A leitura silenciosa é mais rápida que a oral, ou mantém o mesmo ritmo de velocidade?
- A criança segue a linha com o dedo?
- A criança faz excessivas fixações do olho ao longo da linha impressa?
- A criança demonstra excessiva tensão ao ler?
- A criança efetua excessivos retrocessos da vista ao ler?

Atualmente generalizou-se o termo dislexia, qualquer distúrbio de linguagem apresentado pela criança, logo é qualificado como dislexia, tanto pelos pais como pela escola. O problema não está na criança, mas nos processos educacionais, sob a responsabilidade familiar, ou nos processos formais de aprendizagem na incumbência da instituição escolar.

Em virtude da alfabetização precoce, cada vez mais as crianças estão menos prontas para iniciar o processo de aprendizagem da leitura e escrita, como diz Le Boulch⁴ tem que ser respeitado o desenvolvimento humano, o qual está dividido em três momentos:

a) **O corpo vivido**, 0 – 3 anos compreende a expressão do corpo em sua totalidade, as sensações exteriores ao seu corpo são recebidas através do contato afetivo-corporal-cinestésico com a mãe;

³ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARIN, Mabel. **Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

⁴ BOULCH, Jean Le. **Educação psicomotora: a psicogenética na idade escolar**.



b) **O corpo percebido**, 4 – 7 anos é o estágio da estruturação perceptiva do corpo que compreende o processo de organização corporal a partir das funções de ajustamento, de interiorização, funções gnósticas e da percepção espacial, temporal e rítmica; e a

c) **O corpo representado**, 8 – 12, em que a criança está iniciando no processo de escolarização formal. Partindo das idéias de Le Boulch perceberemos que a sociedade cada vez mais impõe regras equivocadas no processo ensino-aprendizagem.

Quanto mais cedo diagnosticar melhor será para a criança e família, visto que todos sofrem com a situação, estudos feitos nos EUA comprovaram que 80% dos jovens infratores tiveram ou tem alguma dificuldade de aprendizagem na vida escolar.

Um dos pontos fundamentais presente nas crianças disléxicas é o abalo da autoestima, sentem-se burras e não entendem o que se passa com elas, por isso é fundamental o acompanhamento psicológico, como diz a Dr. Shirley de Campos⁵ a autoestima é importante na idade escolar, a capacidade de aprendizagem é uma das primeiras a ficar afetada sempre que haja uma perturbação emocional da criança

3. Tipos de Dislexia

A dislexia pode ser classificada de várias formas, para seu diagnóstico alguns autores têm como base testes fonoaudiológicos, pedagógicos e psicológicos. Geralmente o diagnóstico é feito por equipe multiprofissional, dada a complexidade de se confirmar o quadro.

A dislexia pode ser classificada em:

3.1 **Dislexia disfonética**: dificuldades de percepção auditiva na análise e síntese de fonemas, dificuldades temporais, e nas percepções da sucessão e da duração (troca de fonemas – sons, grafemas – diferentes, dificuldades no reconhecimento e na leitura de palavras que não têm significado, alterações na ordem das letras e sílabas, omissões e acréscimos, maior dificuldade na escrita do que na leitura, substituições de palavras por sinônimos);

⁵ Professora do curso de pós-graduação em Nutrição funcional da Universidade Ibirapuera em São Paulo ,Rio de Janeiro, Porto Alegre e Recife.



3.2 **Dislexia diseidética:** dificuldade na percepção visual, na percepção gestáltica, na análise e síntese de fonemas (leitura silábica, sem conseguir a síntese das palavras, aglutinações e fragmentações de palavras, troca por equivalentes fonéticos, maior dificuldade para a leitura do que para a escrita);

3.3 **Dislexia visual:** deficiência na percepção visual; na coordenação visomotora (não visualiza cognitivamente o fonema);

3.4 **Dislexia auditiva:** deficiência na percepção auditiva, na memória auditiva (não audiabiliza cognitivamente o fonema)

3.5 **Dislexia mista:** que seria a combinação de mais de um tipo de dislexia.

Para Moojen apud Rotta⁶ é possível classificar a dislexia em três tipos:

Dislexia fonológica (sublexical ou disfonética): caracterizada por uma dificuldade seletiva para operar a rota fonológica durante a leitura, apresentando, não obstante, um funcionamento aceitável da rota lexical; com frequência os problemas residem no conversor fonema-grafema e/ou no momento de juntar os sons parciais em uma palavra completa. Sendo assim, as dificuldades fundamentais residem na leitura de palavras não-familiares, sílabas sem sentido ou pseudopalavras, mostrando melhor desempenho na leitura de palavras já familiarizadas. Subjacente a essa via, encontra-se dificuldades em tarefas de memória e consciência fonológica. Considerando o grande esforço que fazem para reconhecer as palavras, portanto, para manter uma informação na memória de trabalho, são obrigados a repetir os sons para não perdê-los definitivamente. Como consequência, toda essa concentração despendida no reconhecimento das palavras acarreta em dificuldades na compreensão do que foi lido.

Dislexia lexical (de superfície): as dificuldades residem na operação da rota lexical (preservada ou relativamente preservada a rota fonológica), afetando fortemente a leitura de palavras irregulares. Nesses casos, os disléxicos lêem lentamente, vacilando e errando com frequência, pois ficam escravos da rota fonológica, que é morosa em seu funcionamento. Diante disso, os erros habituais são silabações, repetições e retificações,

⁶ ROTTA, Newra Tellecha...[et al.] **Transtornos da Aprendizagem: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed,2006



e , quando pressionados a ler rapidamente, cometem substituições e lexicalizações; às vezes situam incorretamente o acento prosódico das palavras.

Dislexia Mista: nesse caso, os disléxicos apresentam problemas para operar tanto com a rota fonológica quanto com a lexical. São assim situações mais graves e exigem um esforço ainda maior para atenuar o comprometimento das vias de acesso ao léxico.

4. Sinais de dislexia

É importante que pais e professores fiquem atentos aos sinais de dislexia, esses sinais podem ser detectados quando criança. Pais e professores devem ficar atentos quando esgotam-se todos os subsídios de aprendizagem, a criança mesmo que estimulada de várias formas apresenta déficit do conteúdo, isso inicia-se com mais frequência nos primeiros anos escolares, no período da alfabetização, tendendo a se acentuar no decorrer dos anos.

É fundamental que o processo de alfabetização ocorra dentro dos padrões normais, em que a criança esteja preparada psicologicamente e tenha idade suficiente por volta dos seis anos de idade.

Uma das características mais comuns é as trocas de letras, as crianças tendem a confundi-las com grande frequência, mas não podemos classificar como indicativo totalmente confiável, pois muitas crianças tendem a confundi-las principalmente na iniciação da alfabetização.

4.1 Sinais na primeira infância

Estudos realizados no Brasil e também no exterior, constataram alguns possíveis sinais de dislexia na infância:

1. Atraso no desenvolvimento motor (engatinhar, sentar e andar);
2. Atraso ou deficiência na aquisição da fala;
3. Dificuldade para entender o que está ouvindo;
4. Distúrbio do sono;
5. Enurese noturna;
6. Suscetibilidade às alergias e as infecções;



7. Tendência à hiper ou hipo-atividade motora;
8. Chora muito e parece inquieta ou agitada com frequência;
9. Dificuldade para aprender a andar de triciclo;
10. Dificuldades de adaptação nos primeiros anos escolares.

4.2 Sinais a partir da idade da iniciação escolar

A partir dos seis anos de idade, período em que a criança inicia a aprendizagem formal constata-se vários possíveis sinais de dislexia. A princípio irei elencar apenas alguns.

1. Lentidão para fazer os deveres;
2. Faz os deveres rápidos, mas com muitos erros;
3. Fluência na leitura inadequada a idade;
4. Inventiva acrescenta ou omite palavras ao ler ou ao escrever;
5. A letra pode ser mal grafada e até ilegível (disgrafia);
6. Tem facilidade em exames orais;
7. Desliga-se facilmente “Vive no mundo da lua”;
8. Baixa autoimagem e autoestima;
9. Esquiva-se de ler principalmente em voz alta;
10. É impulsivo e interrompe os demais ao falar;
11. Depende do uso dos dedos para contar;
12. Confunde direito-esquerda, em cima em baixo, frente-atrás;
13. Pode estar sempre brincando, tentando ser aceito nem que seja como palhaço;
14. Dificuldade para andar de bicicleta, para abotoar, amarrar os sapatos;
15. 80% dos disléxicos tem dificuldade em soletração e leitura.

5. O professor e o trabalho com o aluno disléxico

Em primeiro lugar o professor precisa conhecer o que é a dislexia e saber como trabalhar. É comum o professorado ter um conceito errado em relação ao problema apresentado pelo aluno, considerando-o desatento, relapso, sem vontade de aprender e em muitos casos denominado preguiçoso. Sendo assim o aluno se sente incapaz, sem motivação e apresenta casos de rebeldia e agressividade, chegando a ter depressão



devido a autoestima baixa agravando ainda mais o caso quando ocorre a repetência e muitas vezes a evasão escolar.

Não podemos esquecer que esses alunos estão amparados por lei, considerados como NEE (Necessidades Educacionais Especiais). Na lei de Diretrizes e Bases da educação- LDB⁷, diz :

Art. 5º Consideram-se educandos com necessidades educacionais especiais os que, durante o processo educacional, apresentarem:

I - dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos:

a) aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica;

b) aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências;

II – dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, demandando a utilização de linguagens e códigos aplicáveis;

III - altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes.

Existem mais algumas outras leis que podemos encontrar no site⁸ da ABD como:

LDB 9.394/96

Art. 12 - Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

I - elaborar e executar sua Proposta Pedagógica.

V - prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento.

Art. 23 - A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

⁷ Resolução nº2, de 11 de setembro de 2001

⁸ www.dislexia.org.br



Art. 24 - V, a) avaliação contínua e cumulativa; prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período

Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (ECA)

Art. 53, incisos I, II e III

“a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

- I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II – direito de ser respeitado pelos seus educadores;
- III – direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores.”

O professor deverá tratar o aluno com naturalidade, usar sempre uma linguagem clara e objetiva, falar olhando diretamente para ele, trazer o aluno próximo do educador, verificar discretamente se ele está entendendo a sua exposição para não colocá-lo em evidencia, observe se ele está fazendo as anotações da lousa antes de apagá-la.

Pais e professores devem trabalhar em conjunto para que o aluno valorize o que ele mesmo faz, dessa forma aumentará a sua motivação e restaurará a sua autoconfiança. Não esquecendo que esse aluno será mais lento que os demais e o educador precisa ser paciente. Em relação as avaliações o disléxico precisa de mais tempo para realizar as provas, as quais aconselham-se que sejam orais.

Dentro da sala de aula o educador necessita da utilização de estratégias diferenciadas, como a utilização de recursos estimulantes, para que ele possa ver, sentir, ouvir e manusear como jogos, cartazes, cd, etc.

6. Considerações finais

Nós educadores temos uma responsabilidade social, cabendo a nós orientar, direcionar e formar cidadãos capacitados para lidar com as dificuldades presentes no cotidiano. Não devemos temer o novo, temos que buscar subsídios dentro do conhecimento científico para encontrar soluções cabíveis dentro das problemáticas educacionais.



Temos que juntar teoria e prática , como diz David Rodriguês⁹ deve-se proporcionar ao professor um conjunto de experiências que só lhe revelem novas perspectivas sobre o conhecimento, mas que também impliquem em situações empíricas que lhe permitam aplicar estes conhecimentos num contexto real.

Vivemos na era da inclusão, segundo Mantoam¹⁰ “Inclusão é a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós.” Trabalhar com o dislexico é aprender constantemente , é ver o mundo de forma diferente.

Como diz Carl Rogers¹¹ “Os educadores precisam compreender que ajudar as pessoas a se tornarem pessoas é muito mais importante do que ajudá-las a tornarem-se matemáticas, políglotas ou coisa que o valha.”

Sendo assim percebemos a imensa responsabilidade do educador para com o educando, ainda mais quando este tem necessidades educacionais especiais.

Referencias Bibliográficas

AJURIAGUERRA J. **A dislexia em questão e fracasso na aprendizagem de linguagem escrita.** Porto Alegre. Artes Médicas, 1984.

ALLIENDE, Felipe, CONDEMARIN, Mabel. **Leitura: Teoria, avaliação e desenvolvimento.** Tradução de José Cláudio de Almeida Abreu. Porto Alegre, Artes Médicas.

BOULCH, Jean Le. **Educação Psicomotora: A psicocinética na idade escolar.**

FURTADO, Valéria Queiroz. **Dificuldades na aprendizagem escrita.** Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2008.

GARCIA, Jesus N. **Manual da dificuldade de aprendizagem: linguagem, Leitura, Escrita e matemática.** Porto Alegre. Artes Médicas, 1998.

MANTOAM, M.T.E. **Pensando e fazendo educação de qualidade.** São Paulo, Editora Moderna, 2001.

⁹ Dr. em Ciências da motricidade humana na área de educação especial e reabilitação (UTL/FMH), professor da universidade Técnica de Lisboa, coordenador do Fórum de estudos de educação inclusiva.

¹⁰ MANTOAM, M.T.R. **Pensando e fazendo educação de qualidade,** SP: Ed. Moderna, 2001.

¹¹ ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa.** Martins Fontes- São Paulo/1961.



ROGERS, Carl. **Tornar-se Pessoa. Martins Fontes, SP, 1961.**

ROTTA, Newra Tellecha...[et al.] **Transtornos da Aprendizagem: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar.** Artmed,Porto Alegre, 2006

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Ed.Artmed, Porto Alegre1998

ZORZI, Jaime. **Guia prático para ajudar crianças com dificuldades de aprendizagem: Dislexia e outros distúrbios.** Editora Melo. São Paulo, 2008